

MULHERAR: Vivências e Experiências Solidárias

Edilane Moisés Nascimento
Romulo Leite de Amorim
Tatiana Losano de Abreu
Wiliane Viriato Rolim

Submetido em: 30.09.2019

Aceito em: 29.05.2020

Resumo

Tendo em vista que as mulheres são agentes cada vez mais presentes nas práticas econômicas solidárias e que diversos são os grupos formados por elas na região de Guarabira- PB o presente trabalho busca relatar a experiência do projeto de extensão PIEC (Projeto Integrador Escola Comunidade) desenvolvido pelo Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES). O projeto se propôs a acompanhar três Empreendimentos Econômicos Solidários situados no município de Guarabira- PB: Mulheres Guerreiras do Mutirão, Mulheres Caboclas e Mulheres Leal tendo como objetivo estimular a autogestão, a formação técnica e a consolidação desses empreendimentos. Foi utilizada como base metodológica a pesquisa qualitativa, como método de investigação a observação participante e como método de abordagem o materialismo histórico dialético. Como resultados, são perceptíveis melhorias na formação e na organização dos empreendimentos em relação a elementos básicos como aspectos relacionados ao marketing, a formação técnica, a organização e a ampliação de objetivos futuros. Ao final foi possível perceber avanços significativos relacionados à consolidação e ao fortalecimento desses grupos, dando assim uma maior base ao movimento da Economia Solidária na região, embora seja esse um processo de construção e formação contínua.

Palavras-chave: Economia Solidária; Mulheres Guerreiras do Mutirão; Mulheres Caboclas. Mulheres Leal.

MULHERAR: Solidary Experiences and Living

Abstract

Bearing in mind given that women are increasingly present in solidary economic practices and that there are several groups formed by them in Guarabira-PB region, the present work seeks to report the experience of the PIEC extension project (School Community Project Integrator) developed by the Catalyst Group of Solidary Enterprises (NUCAES). The project proposed to accompany three Solidary Economic Enterprises located in the city of Guarabira-PB: Warriors Women of Mutirão, Caboclas Women, and Loyal Women with the objective of stimulating self-management, technical training and consolidation of these enterprises. Qualitative research was used as a methodological basis, participant observation as a research method and dialectical historical materialism.

As a result, they are noticeable improvements in the formation and organization of enterprises in relation to basic elements such as aspects related to marketing, technical training, organization and the expansion of future objectives. In the end, it was possible to notice significant advances related to the consolidation and strengthening of these groups, thus giving

a greater basis to the Solidary Economy movement in the region, although this is a process of construction and continuous training.

Keywords: Solidary economy; Warriors Women of the Mutirão; Caboclas Women. Loyal Women.

1 INTRODUÇÃO

Pensar em Economia Solidária (ES), descrever seus conceitos e seu modo de fazer ainda é algo complexo, embora seja essa uma economia praticada há muito tempo como afirma Brandão *et al* (2017) que demonstram evidências de experiências solidárias há mais de 4000 anos, envoltas em sociedades pacíficas e igualitárias. No entanto a partir do diálogo entre os saberes da tradição e os saberes científicos, desenvolve-se o conhecimento sobre este modo de viver ou de “Bem Viver”. No Brasil o despontar deste modelo se dá por volta do ano de 1998 quando o país passava por uma grave crise econômica, fonte geradora de uma massa significativa de empresas falidas e por conseguinte de uma massa ainda maior de desempregados, sendo a Economia Solidária uma das válvulas de escape para solucionar o problema como afirma Singer no texto Entrevista com Paul Singer. Desta forma a ES “Surge como um dos conceitos centrais na estratégia de organização de redes colaborativas solidárias, visando à superação da formação social capitalista.” (BRANDÃO *et al*, 2017. p. 31). Sendo assim um modelo de organização econômica não focado apenas nos quesitos produção e lucro mas sim com enfoque ao bem estar social dos indivíduos como um todo.

Em aspectos gerais, Singer (2015) define a Economia Solidária como uma forma diferente de realizar uma atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo, que tem como alicerce novas formas de organização, fundamentadas pela cooperação, autogestão e busca do fortalecimento da economia local.

Nesta perspectiva, a região polarizada pela cidade de Guarabira apresenta um grande potencial para o desenvolvimento de experiências de Economia Solidária tendo em vista os diversos movimentos identificados, dentre eles destacamos as associações, grupos de artesanato, gastronomia, produção de materiais de limpeza e higiene pessoal, agricultura familiar, fundos rotativos, bancos comunitários e cooperativas.

Com o intuito de diminuir a distância existente entre a sociedade local e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus Guarabira, propondo a democratização do acesso à informação e ao conhecimento que gera cidadania, promove direitos e alargam os

horizontes, desta forma o Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES) foi constituído com o objetivo de formar e fortalecer os empreendimentos econômicos solidários (EES) por meio da prestação de assessorias e da criação de espaços que favoreçam o desenvolvimento dessa economia.

Um dos projetos desenvolvidos no segundo semestre de 2018 pelo núcleo foi o *Projeto Integrador Escola e Comunidade (PIEC)*, que teve como objetivo o acompanhamento de três empreendimentos econômicos solidários: *Mulheres Leal, Mulheres Guerreiras do Mutirão e Mulheres Caboclas* tendo como foco a capacitação em relação à autogestão, a formação técnica e a consolidação desses empreendimentos, haja vista que o modelo econômico imposto (Capitalismo) é bem diferente do proposto pela Economia Solidária, assim sendo necessárias a realização de práticas que visem diminuir as barreiras encontradas pela ES e pelos grupos que a praticam. Logo, “Transformar o modelo econômico é um desafio gigante, mas que pode ser superado, a começar por pequenas iniciativas que façam uso de novas práticas solidárias” (LAPORTE, FAZIO 2017, p.8).

Por isso, ao longo deste trabalho serão relatadas as experiências vivenciadas a partir das atividades desenvolvidas dentro dos empreendimentos, os avanços observados e as necessidades percebidas, que poderão ser objeto de pesquisa e possível intervenção por meio de outros projetos de extensão implementados pelo NUCAES.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Economia Solidária, como diz Singer (2002), é criada e recriada periodicamente pelos que se encontram, ou temem ficar, marginalizados no mercado de trabalho, com a finalidade de unir a capacidade de produção e consumo com os princípios de socialização dos meios de produção. Desse modo, torna-se uma “alternativa superior ao capitalismo, no sentido mais amplo da vida [...] como uma nova sociedade que une a forma industrial de produção com a organização comunitária da vida social” (SINGER, 2002, p. 115).

Nessa perspectiva, Singer (1999) define-a como um conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e crédito, organizada por princípios solidários, espalhadas por diversas regiões do país e que aparecem sob diversas formas: cooperativas e associações de produtores, empresas autogestionárias, pequenos empreendimentos, bancos

comunitários, clubes de trocas, bancos do povo e diversas organizações populares urbanas e rurais.

Luiz Inácio Gaiger, ao abordar o tema da Economia Solidária e movimentos sociais, estabelece o termo Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) com o objetivo de denominar as iniciativas autogestionárias e solidárias. Segundo Gaiger (1999, 2001, 2002), sob a luz da teoria marxista, os EES representam uma nova forma social de produção pela modificação dos princípios e os fins da organização econômica, que tem por objetivo não apenas a criação de novos postos de trabalho mas de todo um conjunto de atividades que juntas contribuem para o bem estar social dos indivíduos como um todo, desde a preocupação com a qualidade e forma de produção da matéria prima até a própria relação de trabalho que é vivenciada de forma horizontal, descaracterizando figuras comuns ao sistema capitalista como a relação empregado e empregador e a competição que, de acordo com Marx, nas palavras de Singer, é fonte geradora da centralização de riquezas.

A concentração do capital é uma consequência da própria competição, como Marx já tinha mostrado. A competição é sobretudo de preços, entre vendedores e entre compradores. Quem vende mais barato expulsa os outros vendedores do mercado. Quando o logra, a competição acaba, é substituída pelo monopólio. (SINGER, 2001, p.101)

No tocante às desigualdades sociais, Gaiger (1999, 2001, 2002) sustenta que a Economia Solidária tem sido apontada como uma alternativa inovadora e eficaz de criação de postos de trabalho, geração de renda e combate à pobreza, bem como uma prática redutora da vulnerabilidade social causada pela crise do desemprego.

Do ponto de vista do desenvolvimento humano, Gaiger postula que ela “oferece outras condições aos trabalhadores, de conteúdo inegavelmente emancipatório. Esse conteúdo provém da experiência concreta da autonomia no trabalho e pelo trabalho” (GAIGER, 2004, p. 395). Em parceria com Jean Louis Laville, pesquisador da economia social na França, Gaiger fez apontamentos sobre esta “outra economia”: “consubstanciado na autogestão, institui novos protagonistas no mundo do trabalho e nos embates da cidadania, em resposta a anseios de bem estar, reconhecimento e vida significativa” (GAIGER; LAVILLE, 2009, p. 166).

Neste sentido, fatores históricos presentes no tecido social de nossa sociedade, como baixo nível de escolaridade, desemprego e o alto índice de violência acabam por ocasionar uma realidade que impossibilita que muitos cidadãos e cidadãs tenham vez e lugar nas Instituições

de Ensino, acabando por ficarem a margem do processo de qualificação profissional, fato que permite o surgimento de práticas que impedem a vida em sociedade, conforme salienta Pochmann (2004, p. 204) “[...] Ao conjunto dos tradicionais “despossuídos” do passado, agora se junta uma legião de “deserdados”, às vezes com níveis médios de instrução relativamente elevados, em virtude do crescente fracionamento da antiga classe média”

Nesta perspectiva a Economia Solidária, dentre inúmeras definições conceituais, pode ser compreendida enquanto uma forma alternativa ao modelo de produção e gestão capitalista, sendo um modo diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, com inclusão social. Destacam-se nas novas possibilidades que a Economia Solidária apresenta uma prática inovadora e uma alternativa de geração de trabalho e renda, tornando-se uma resposta a favor da inclusão social e as mazelas geradas pelo capitalismo.

Como um dos princípios chaves da ES destacamos aqui a autogestão que segundo Lechat e Barcelos (2008) parte do pressuposto filosófico e político de que mulheres e homens têm a capacidade de organizarem-se, sem a figura de um dirigente responsável por nortear as relações de trabalho. Em grupos que praticam a autogestão todos devem contribuir e participar das diversas atividades desde a gerência a produção, descaracterizando a centralização do poder e da tomada de decisão nas mãos de um único indivíduo, logo:

Seu caráter econômico se deve às relações sociais de produção, que dão mais valor ao fator trabalho do que ao capital. Seu aspecto político baseia-se em sistemas de representação com valores, princípios e práticas favoráveis e criadoras de condições “[...] para que a tomada de decisões seja o resultado de uma construção coletiva que passe pelo poder compartilhado (de opinar e de decidir), de forma a garantir o equilíbrio de forças e o respeito aos diferentes atores e papéis sociais de cada um dentro da organização.” (LECHAT, BARCELOS, 2008, p.97)

Compartilhando do mesmo pensamento (IASKIO, 2006, p. 132) afirma em seu texto:

O controle do empreendimento pelos próprios trabalhadores, chamado de autogestão, é garantido pelo princípio um homem, um voto, também independentemente do capital empregado pelo sócio. Os próprios trabalhadores decidem o que e como fazer, além de terem também igual poder de decisão no que se refere à destinação das sobras. Cabem também, a esses sócios trabalhadores, a organização do processo produtivo e as estratégias econômicas de atuação no mercado.

Desta forma a autogestão funciona como principio de libertação e participação direta dos indivíduos nas diversas escalas, sejam elas ligadas aos empreendimentos ou à vida pessoal de cada um deles, contudo, se faz enquanto um processo contínuo, pelo fato de estarmos habituados a uma hierarquização das relações dentro do sistema capitalista tendo a autogestão a necessidade de uma elaboração diária não apenas pelos indivíduos que praticam a Economia Solidária mas por todos que buscam um sociedade mais justa e igualitária, trazendo-os à luz da reflexão como agentes conhecedores e transformadores dos espaços que ocupam por meio da autogestão.

Dentre as diversas classes excluídas pelo sistema temos, como foco do então trabalho, as mulheres, que ao longo dos tempos vêm ocupando espaços nunca antes pensados, embora boa parte ainda encontre-se nas periferias do sistema com uma qualificação inferior aos homens e com salários também inferiores, mas ao longo do tempo é possível perceber mudanças significativas em relação ao trabalho feminino, pois:

Anteriormente, o trabalho feminino restringia-se ao cuidado com o lar e com os filhos, porém, no contexto contemporâneo está havendo um movimento em que as mulheres são, cada vez mais, responsáveis por subsidiar financeiramente seus lares, não obstante, elas estão delineando sua presença no mercado de trabalho. (OLIVEIRA, 2008, p.326)

Embora com mudanças visíveis em relação ao trabalho (OLIVEIRA, 2008, p.327) afirma que:

As mulheres continuam recebendo menos que os homens no exercício da mesma atividade, ocupam menos cargos de chefia, estão cada vez mais ocupando postos de trabalho marcados pela precarização e são as maiores vítimas do desemprego...

Desta maneira, Costa e Neves (2007) apontam que as mulheres tem um índice de escolaridade menor se comparada aos homens, além de que atividades como cuidar da casa e dos filhos são atribuídas majoritariamente a elas o que acaba por gerar uma sobrecarga ainda maior, por sua vez algumas ficam impossibilitadas ou seguem em desvantagem na busca por empregos e outras quando assim os conseguem, ficam reféns das jornadas duplas e triplas de trabalho.

Nesse cenário de exclusão e de desigualdade como já mencionado anteriormente, a Economia Solidária surge para essas mulheres como espaço de trabalho, formação e empoderamento, não sendo apenas uma fonte geradora de renda, mas sobretudo um espaço que lhes garanta o direito de falarem e de serem ouvidas.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste relato de experiência se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994) este tipo de pesquisa preocupa-se com realidades que não podem ser quantificadas, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. “Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações” (FONSECA, 2012, p. 35). Tendo como foco não apenas a descrição dos sujeitos estudados mas todo um conjunto de interpretações. “Sua realidade é construída a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo, cabendo ao pesquisador decifrar o significado da ação humana, e não apenas descrever os comportamentos.” (Queiroz et al, 2007 p.276)

Como método de investigação da pesquisa qualitativa foi utilizada a observação participante que consiste na interação direta entre pesquisador e pesquisado, pois:

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. (Queiroz et al, 2007 p.278)

Logo, realizar o acompanhamento das reuniões, oficinas e do próprio dia a dia desses empreendimentos, acaba por permitir uma melhor compreensão da realidade dos sujeitos, o que provavelmente não poderia ser alcançado com o afastamento do pesquisador de seu objeto de estudo.

Utilizado como método de abordagem, o Materialismo Histórico Dialético permitiu uma compreensão mais abrangente referente à organização e ao comportamento dos sujeitos em relação ao mundo do trabalho. Segundo Pires (1997), esse método de abordagem permite a compreensão de que a realidade do mundo do trabalho e suas características se transformam permanentemente de acordo com o tempo.

Como instrumentos para coleta de dados foram utilizadas as notas de campo realizadas por meio das observações efetuadas durante as reuniões internas, oficinas, feiras e reuniões externas (de criação do Fórum de Economia Solidária de Guarabira e Região), buscando adentrar e descrever a realidade diária desses grupos, procurando assim compreender as vivências distintas e promover ações de intervenção tanto em tempo real quanto na elaboração de projetos futuros.

Participaram das atividades cerca de trinta e oito pessoas entre participantes dos grupos, membros do NUCAES e os professores que ministraram as oficinas. É válido ressaltar que as observações que serão expostas foram realizadas por parte dos integrantes do núcleo a partir das realidades vivenciadas por cada empreendimento.

4 MULHERES EM COMBATE

4.1 MULHERES GUERREIRAS DO MUTIRÃO

Este grupo é composto por seis mulheres, e está localizado no bairro Mutirão, situado na cidade de Guarabira-PB. Em sua grande maioria são casadas, com filhos e com idades entre 20 e 70 anos, o nível de escolaridade nessa região é baixo, enquanto o desemprego muito alto, muitas famílias que moram neste bairro tiram a maior parte de seu sustento do lixão que fica localizado nesta região. As *Mulheres Guerreiras do Mutirão* trabalham na produção de produtos de limpeza doméstica, tendo como principal produto da linha o sabão em barra feito a base do óleo de cozinha reutilizado; é interessante perceber a contribuição desse grupo para com a preservação ambiental, pois:

O óleo de cozinha jogado diretamente na pia ou no solo prejudica os lençóis freáticos, os rios, os lagos e o solo, além de causar o entupimento das redes de esgotos, provocando a impermeabilização, contribuindo para o aquecimento global. Portanto, a reciclagem do óleo vegetal, além de preservar o meio ambiente é uma alternativa para solucionar os problemas da rede de esgoto, onde são colocados produtos químicos altamente tóxicos, causando danos irreparáveis e nocivos ao meio ambiente. (CAVALCANTE et al, 2014, p. 2)

O que antes era rejeito torna-se fonte de renda para essas mulheres e evita que mais poluição acumule-se em rios e solos, prejudicando o meio ambiente, uma forma de preservar o eco sistema do local onde habitam.

A primeira visita ao grupo foi realizada no dia 09 de setembro de 2018, participaram da reunião dois integrantes no NUCAES e cinco do empreendimento. Na ocasião visando conhecer melhor as necessidades e ressaltar as potencialidades do grupo foi realizada a aplicação do método BAMBU que tem por objetivo:

[...] impulsionar as potencialidades de uma comunidade, visando o seu fortalecimento e transformação. Consiste em se imaginar e buscar a plenitude da vida, fazendo de todo lugar um lar. Tudo começa a partir de experiências que já tiveram êxito nas ações de uma comunidade, para reforçar e ampliar o poder do coletivo, através da criatividade e do talento de cada indivíduo, fazendo florescer a vida no dia-a-dia; une o sentimento de pertencimento a um território e a cidadania, a convivência amorosa do grupo e a autonomia de cada pessoa. (SÁ et al, 2007, p.7)

Durante a aplicação do método as mulheres foram estimuladas a discorrerem sobre aquilo que precisavam, tanto para o trabalho diário, quanto para perspectivas futuras como por exemplo, um ponto para venda de seus produtos, já que ainda não tinham um local fixo para isso, em geral realizavam suas vendas dentro do próprio bairro e na feira de Economia Solidária da cidade de Guarabira, a aquisição de recipientes para o armazenamento do óleo recolhido, a criação de uma logo para o grupo e de um rótulo para os produtos produzidos, um fardamento padronizado para representar o grupo, dentre outros aspectos básicos para o funcionamento do empreendimento. A Figura 1 mostra o momento de aplicação do método Bambu.

Figura 1 - Registro da aplicação do Método Bambu no Grupo de Mulheres do Mutirão



Fonte: Elaboração Própria (2018)

Visando alcançar uma melhor percepção referente às atividades desenvolvidas pelo empreendimento, durante as sextas feiras foram feitos acompanhamentos à feira Saberes e

Sabores da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Guarabira e região, que era utilizada como um dos canais de venda das mulheres.

Embora com diversas demandas e problemas em relação ao trabalho em grupo e as vendas, foi perceptível verificar a satisfação que aquelas mulheres carregavam no rosto ao apresentarem o seu produto, posto que em muitas situações elas são desprezadas pela condição social.

A feira da ECOSOL iniciava às cinco horas da manhã, para se deslocarem do bairro onde residiam até o centro da cidade de Guarabira, contavam com a ajuda da entidade de apoio SEDUP (Serviço de Educação Popular) que disponibilizava o transporte. Foi possível perceber em alguns dias dificuldades para venda dos produtos e em outros a falta destes, esse tipo de problema acontecia pois as mulheres não conseguiam manter um estoque mínimo e uma produção equilibrada, isso porque em algumas situações o óleo recolhido não era suficiente ou em outras o fluxo de caixa não permitia a compra de insumos para a produção.

Um outro canal de vendas utilizado foram às feiras realizadas dentro do IFPB campus-Guarabira, onde diversos empreendimentos de Economia Solidária reuniam-se para comercializar seus produtos. Esses eventos tinham por objetivo estreitar os laços entre instituição e comunidade além de abrir espaços para o diálogo entre os diversos grupos econômicos solidários, as feiras ocorriam em geral, no período da manhã antes das reuniões que tinham como foco a criação do Fórum de Economia Solidária de Guarabira e região, sendo esse um dos espaços de consolidação e autonomia desses empreendimentos, que visavam somar forças para a reivindicação dos direitos que lhes são garantidos, mas que por muitas vezes são desconhecidos e negados. É interessante ressaltar que as Mulheres Caboclas e as Mulheres Leal também participavam desses espaços tanto da feira como das reuniões.

A partir das observações realizadas e das demandas identificadas foi possível o desenvolvimento de algumas intervenções por parte do NUCAES. Uma delas foi a elaboração em conjunto com as integrantes do grupo, de uma Logo utilizada no fardamento, pois o grupo ainda não tinha nenhum tipo de identificação, também foram criadas as primeiras etiquetas para o sabão denominado de “Sabão Guerreiro”, visando incentivá-las no processo de melhoria da embalagem de seus produtos e de identificação por parte dos clientes do sabão produzido por elas.

Figura 3 - Logo das Mulheres Guerreiras do Mutirão

Fonte: Elaboração Própria (2018)

4.2 MULHERES CABOCLAS

O grupo Mulheres Caboclas está localizado no Sítio Caboclo (zona rural da cidade de Guarabira-PB) é composto por quinze pessoas, com idades entre dezoito e cinquenta anos é o único em que temos a presença de dois homens.

A presença feminina em massa nos grupos e eventos que envolvem a Economia Solidária é algo visível. No caso dos grupos onde foi desenvolvido o projeto, apenas o grupo Mulheres Caboclas contava com a presença de dois homens. Segundo Brandão *et al* (2017):

Historicamente as mulheres têm tido uma participação decisiva na integração e no desenvolvimento de suas comunidades e sociedades, como também na resistência aos processos de exclusão, desenvolvendo iniciativas criativas, eficientes e viáveis por baixo custo (p. 69 *apud* GUILLEN, 2003, p. 44).

Este empreendimento é voltado ao âmbito gastronômico, turístico e de artesanato. Tendo como um dos canais de venda e de reunião do grupo, o restaurante Sabor Camponês muito conhecido por oferecer como prato principal a galinha de capoeira, além de um espaço excelente para quem deseja sair da correria da cidade e ficar mais próximo da natureza.

Nossa primeira reunião com esse grupo ocorreu no dia 05 de setembro de 2018 e nessa ocasião visando analisar o empreendimento foi realizada a aplicação do método CANVAS, que tem por objetivo fazer uma análise do negócio, buscando seu diferencial em relação ao produto ou serviço entregue. “De forma sucinta, consiste na forma que a empresa cria, faz marketing e entrega este valor através do capital de relacionamento, para que um ou vários segmentos de clientes possam gerar fontes de receita rentáveis e sustentáveis.” (SILVA *et al*, 2016, p.07)

Diferente das Mulheres Guerreiras do Mutirão, as Caboclas já tinham um fardamento e o ponto fixo de vendas, demonstrando um nível diferente de desenvolvimento o que gera também a necessidade de um acompanhamento distinto para cada grupo.

Embora visando a análise do empreendimento a partir da aplicação do CANVAS foi inevitável ao longo do diálogo o surgimento de demandas inerentes ao empreendimento e dentre elas, foi possível destacar: a dificuldade para agregação de valor ao produto, deficiência em relação a gestão financeira e o aprimoramento na área gastronômica levando em consideração a elaboração de pratos com produtos fornecidos pela comunidade local. Em relação à agregação de valor ao produto é comum que os empreendimentos demonstrem tal dificuldade, isso por que, mostrar o seu diferencial em meio a tantas ofertas similares e convencer o cliente a escolher o seu produto ou serviço é algo complexo até mesmo para grandes empresas já consolidadas no mercado.

Um segundo momento em que foram realizadas observações visando analisar suas potencialidades e necessidades, foi durante a feira Saberes e Sabores, a figura 4 mostra as Mulheres Caboclas comercializando seus produtos e utilizando o espaço como um outro canal de vendas.

Figura 4 - Mulheres Caboclas comercializando seus produtos



Fonte: Elaboração Própria (2018)

Levando em consideração as demandas apresentadas e as observações realizadas e visando o aprimoramento do trabalho de gastronomia realizado dentro do grupo, caracterizado enquanto principal atividade econômica, desenvolvemos juntamente com a professora Liliane da rede “Cozinhas da Terra” uma oficina de gastronomia voltada à elaboração de pratos com produtos saudáveis e produzidos na região e na própria comunidade, como por exemplo, a

batata, o frango, a macaxeira, a acerola, o maracujá, a banana, a farinha feita a base da mandioca e dentre outros produtos característicos da nossa terra.

A valorização dos produtos regionais é de suma importância, tendo em vista a criação de redes colaborativas dentro da própria comunidade, e o crescimento da economia local, através do estabelecimento de vínculos entre os produtores e consumidores, além do fortalecimento da cultura regional.

Figura 5 - Oficina de Gastronomia



Fonte: Elaboração Própria

A partir de recursos advindos do projeto juntamente com o grupo, foi realizada uma oficina para construção de um forno artesanal que teve como finalidade ajudar no processo de cozimento dos pratos como bolos, pizzas, pasteis, biscoitos e dentre outros alimentos.

Ao término da oficina de gastronomia, foi realizada uma segunda atividade, objetivando o desenvolvimento das habilidades manuais dos integrantes, a oficina de pintura em panos de prato ministrada pelo professor Adriano Dias. Tendo em vista que alguns integrantes do grupo já desenvolviam o artesanato, os panos de prato representariam mais uma fonte de renda, sendo o restaurante um dos próprios canais de comercialização desses produtos.

Ao longo das oficinas e das demais reuniões foi possível observar nas Mulheres Caboclas uma forte autonomia nas atividades, como nas feiras e reuniões de lançamento do Fórum do qual também participavam. A partir dos novos conhecimentos adquiridos nos cursos de gastronomia e pintura, foi estimulado no empreendimento a identidade de grupo e suas potencialidades, contudo o processo de aprendizagem e aperfeiçoamento faz-se diariamente.

4.3 MULHERES LEAL

Localizado no bairro do Rosário na cidade de Guarabira-PB, o grupo Mulheres Leal é composto por oito mulheres, com idades entre quarenta e cinco e setenta anos, algumas casadas em sua grande maioria já aposentadas. Desenvolvem a técnica de pontos macramê. O macramê é um processo de tecelagem muito antigo, suas origens são vinculadas a pré-história, quando o homem aprendeu a amarrar fibras para se agasalhar e criar objetos. A técnica consiste em fios trançados e atados em nós, tendo como ferramentas apenas as mãos.

De seu surgimento até hoje, diferentes estilos de amarrações usados para fins decorativos, vestuário e acessórios, foram desenvolvidos, por meio do macramê, a partir do simples processo de ligar quatro fios. É uma técnica simples, mas que é possível produzir variedades e obter interessantes resultados usando apenas uma estrutura que servirá de suporte para laçar os fios. (SILVA, 2014, p.2)

As mulheres Leal utilizam-se dessa técnica para decorar panos de prato, a delicadeza demonstrada nas peças faz do macramê não só uma técnica, mas uma arte. Durante a semana, elas reúnem-se cerca de duas vezes para realizar a produção em uma associação do Bairro onde moram.

Nosso primeiro encontro foi realizado no dia 19 de novembro de 2018, na ocasião, visando perceber como se dava o processo de produção das peças foi feito o acompanhamento de uma tarde de produção das mulheres, depois de algum tempo observando o belo trabalho desenvolvido por elas, deu-se início a reunião. Nesse grupo não foi utilizada nenhuma ferramenta específica, além do instrumento de coletas apresentado na metodologia ao longo do diálogo, demandas inerentes ao dia a dia do grupo foram surgindo como por exemplo, a dificuldade para as vendas.

Diferentemente das Mulheres Guerreiras do Mutirão, as Mulheres Leal não tinham problemas em relação à produção, em especial por não ser um produto perecível ou que necessitasse de um longo período de descanso para poder ser comercializado, como no caso do sabão feito a base de óleo por parte das mulheres do Mutirão. Segundo Dona Aparecida, uma das integrantes do grupo, às vezes suas próprias colegas de trabalho tinham vergonha de sair na

vizinhança para vender ou em alguns casos a inadimplência daqueles que compravam desanimava o grupo.

Elas ainda não tinham uma Logo que as representasse e essa também foi uma das demandas colocadas, na mesma reunião conseguimos rascunhar um esboço inicial a partir das colocações de cada integrante, esse tipo de processo é necessário pois cria a relação de pertencimento com o grupo.

Figura 7 - Conversa informal antes da reunião



Fonte: Elaboração Própria (2018)

Após o primeiro encontro, outros se sucederam, dentre eles, o acompanhamento dessas mulheres às reuniões de criação do Fórum e à feira Saberes e Sabores mencionada anteriormente. É interessante perceber que, ao longo do projeto, os grupos acompanhados criaram entre si laços de amizade e ajuda mútua, além das inúmeras trocas de experiência, tanto entre elas quanto entre os outros empreendimentos que participavam da feira. Como moravam mais próximas ao local da feira, as mulheres Leal conseguiam chegar com recursos próprios, no geral duas mulheres ficavam responsáveis pela venda quando não podiam ir, outra integrante disponibilizava-se.

Figura 8 - Mulheres Leal comercializando seus produtos

Fonte: Elaboração própria (2018)

Ao longo dos encontros e das observações realizadas foi possível perceber a necessidade que as Mulheres Leal tinham de produzir suas próprias pinturas nos panos de prato, pois os adquiriam em branco ou com pinturas impressas e desenvolviam os pontos em macramê. Pretendendo uma maior valorização do grupo e agregação de valor ao produto, foi realizada uma oficina de pintura em panos de prato ministrada pelo professor Adriano Dias.

No início, a experiência demonstrou-se um tanto um quanto difícil, pois era algo novo para elas, mas ao logo desse período, foram desenvolvendo suas habilidades. Segundo o professor Adriano a aptidão que não fosse desenvolvida por determinada pessoa poderia ser por outra, como por exemplo, o contorno das pinturas uma das maiores dificuldades apresentadas, não era necessário saber tudo, mas sim fazer um trabalho coletivo sendo esse um dos pontos cruciais da Economia Solidaria: a coletividade, não se faz necessário realizar todo o processo mas contribuir com aquilo que se tem maior habilidade.

Figura 09 - Aula de pintura com o professor Adriano Dias

Fonte: Elaboração Própria (2018)

Com o curso de pintura as mulheres conseguiram agregar ainda mais valor ao seu produto, além de diversificar a produção. Após a intervenção, o grupo não desenvolve apenas o macramê, mas também a pintura. Ao fim do projeto, as mulheres já estavam com a sua Logo elaborada e com o fardamento. Contudo é interessante perceber a necessidade de diversas intervenções e de um processo contínuo na busca de formação por parte do grupo.

Figura 10 - Logo das Mulheres Leal



Fonte: Elaboração própria (2018)

5 CONCLUSÃO

O contato comunidade e instituição é sempre muito satisfatório pois permite trocas de experiência que provavelmente muitos discentes, docentes e demais servidores não teriam a oportunidade de vivenciar se não por meio da extensão e da pesquisa.

A demanda surge da comunidade e é a partir da instituição IFPB que surgem os mecanismos e ferramentas para a melhoria e desenvolvimento desses grupos econômicos solidários, diante das novas realidades que os envolvem, como novas formas de comércio, redes de contato, um novo modo de organizar-se e a construção de uma identidade coletiva tanto enquanto grupo dentro de seus empreendimentos e enquanto atores dos espaços sociais que lhes são ofertados. Fora dos muros da academia a realidade possui uma dinâmica bem mais complexa. Esse contato é de suma importância para nos sensibilizar e promover um melhor entendimento do que ocorre na prática, se tratando dos empreendimentos de cunho solidário, que têm de se adequar as exigências dos consumidores e às regras do sistema capitalista, não perdendo os princípios que os compõem.

É interessante perceber que os empreendimentos acompanhados encontravam-se em níveis de desenvolvimento diferentes, o que exigiu práticas de atividades diferenciadas. Durante

as visitas de acompanhamento foi possível a identificação de diversas dificuldades enfrentadas pelos grupos como: falta de identidade coletiva, desistência de integrantes, problemas na organização das finanças, desperdício de produtos, dificuldades com as vendas e com fornecedores de matéria prima, como por exemplo, o óleo de cozinha utilizado pelas mulheres do Mutirão na produção de sabão. Diante do curto espaço de tempo em que foi realizado o acompanhamento não foi possível abarcar a todas as necessidades e oferecer intervenções de forma mais intensiva, o que gera a necessidade de novos acompanhamentos. Cada grupo encontra-se em um nível diferente de negócios, o que não significa dizer que um seja melhor que outro, mas que todos estão em fases de desenvolvimento diferenciadas.

Para alguns integrantes dos três grupos, a ideia e a prática da gestão coletiva ainda é algo muito difícil mas não impossível, pois a partir das feiras e das reuniões para criação do espaço do Fórum e do contato desses grupos com outros, a identidade de coletividade e de ajuda mútua vai sendo aos poucos desenvolvida, daí a necessidade de ocupação e participação desses espaços. Foi perceptível a cada reunião observar a mudança de comportamento e o entusiasmo de cada grupo. O trabalho continua e a necessidade de desenvolvimento contínuo ainda mais, tanto por parte do núcleo (NUCAES) quanto por parte dos empreendimentos várias são as demandas que acabam por exigir a união de esforços para construção de novas possibilidades inerentes à Economia Solidária e à vida de cada indivíduo que comunga dos mesmos propósitos de um mundo melhor e com mais direitos para todos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. et al. **Encantar a vida com a diversidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

CAVALCANTE, et al. **Educação ambiental:** produção de sabão ecológico na escola Nossa Senhora Aparecida em Campina Grande- PB. Rev. Acadêmica Científica Scire, Campina Grande, v. 6 – Num. 02 – Outubro 2014. Disponível em: <http://www.revistascire.com.br/artigo/2014/OUTUBRO/educacaoAmientalProducaoDeSabao.pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

COSTA, Bianca A. Lima, NEVES, Magda de Almeida. **Empreendimentos de reciclagem:** as mulheres na economia solidária. Disponível em: <http://sites.poli.usp.br/p/augusto.neiva/nesol/Publicacoes/V%20Encontro/Artigos/Organiza%C3%A7%C3%A3o/ORG-15.pdf>. Acesso em: 18 de abr. 2020.

FONSECA, R. C. V da. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

GAIGER, Luiz Inácio Germany; LAVILLE, Jean-Louis. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David *et. al.* **Dicionário internacional da outra economia**. CES. Edições Alamedina, 2009. p.162-168

GAIGER, Luiz Inácio Germany. G. O trabalho ao centro da economia popular. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, 13., (GT Trabalho e Sociedade), Caxambu: ANPOCS, 1999a.

IASKIO ,Emerson Leonardo Schmidt. **A economia solidária diante da concorrência capitalista: os limites econômicos da autogestão**. Rev. Emancipação. Ponta Grossa v. 6. p. 119-143. 2006. Disponível em: <https://revistas.apps.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/75/73>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

LAPORTE, Ana Luzia; FAZIO, Denizart. **Encantar a vida com as finanças solidárias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

LECHAT, Noëlle M. P, BARCELOS, Eronita da Silva. **Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários**. Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 96-104 jan./jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802008000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 de abr. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. **Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social**. Rev. Sociedade e Cultura. Goiás v. 11 p. 325-322. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70311249020.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

PIRES, M. F. C. **O materialismo histórico dialético e a educação**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n. 1, 1997.

POCHIMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo. **Atlas da exclusão social no Brasil: Os ricos no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004.

QUEIROZ, et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista Enfermagem UERJ, Rio e Janeiro, v.15, n.2, p.276-283, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf. Acesso em: 14 de abr. 2020.

SÁ, et al. **Manual do método Bambu: Construindo municípios saudáveis**. Recife, 2007. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39050/632567/Manual+Bambu.pdf/d7d23fdb-38c0-4ac3-ac39-b3289ae2824e>. Acesso em: 12 de abr. 2020.

SILVA, et al. **Ferramentas de gestão para o fortalecimento de empreendimentos solidários de agricultura familiar:** o caso do Sítio Caboclo. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <http://egepe.org.br/anais/arquivos/edicaoatual/Artigo196.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

SINGER, Paul. **Possibilidades da economia solidária no Brasil.** In: CUT BRASIL. *Sindicalismo e economia solidária: reflexões sobre o projeto da CUT.* São Paulo: CUT, 1999. p.51-60.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista.** *Soc. estado.* [online]. 2001, vol.16, n.1-2, pp.100-112. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a05.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2015.